



NÚMEROS

700

Número de táxis existentes no Porto
Lisboa tem 3497 veículos, no Funchal circulam 454, Cascais tem 194 e Ponta Delgada 147. É nos concelhos do Alentejo que existem menos táxis.

214

mil habitantes da cidade que ganhou gente

O Porto tem vindo a ganhar moradores, invertendo uma tendência de anos. Em 2017, a cidade recebeu 468 novos residentes. Os últimos dados apontam um total de 214 mil habitantes.

Zonas do Porto onde os táxis já raramente são chamados

Sem o bulício do passado, ruas e lugares da cidade perderam moradores, mão de obra e poder de compra. Os padrões de mobilidade alteraram-se

Alfredo Teixeira
locais@jn.pt

PORTO A cidade mudou e com ela a mobilidade dos portuenses. As alterações no urbanismo, nas vias de comunicação, nos estilos de vida e no poder de compra criaram um novo padrão na forma como as pessoas se deslocam no Porto. A pressão turística tem também efeitos na mobilidade e os taxistas são os principais conhecedores desta nova realidade.

Algumas zonas onde o serviço de táxi era uma constante há 15 ou 20 anos, hoje são espaços vazios. É o caso da Rua de S. Roque da Lameira, em Campanhã, e da Foz Velha. Duas zonas muito diferentes, mas com problemas semelhantes: desertificação e perda de poder de compra.

“Eram as classes sociais menos favorecidas que mais utilizavam o táxi. Toda a gente pensa que é o contrário, que são as pessoas com

mais poder de compra, mas isso é um mito”, diz Agostinho Seixas, presidente da Direção da Raditáxis, cooperativa criada há 58 anos.

Muitas famílias não tinham automóvel. “Um casal com dois filhos, se tinha um carro, hoje tem dois ou três”, acrescenta.

MOBILIDADE É LIBERDADE

“Cada pessoa é um ser móvel e quer ser livre e autónoma. A mobilidade atingiu o seu exponencial máximo como forma inequívoca de liberdade”, explica Paula Teles, especialista em transportes e consultora de várias autarquias na área da mobilidade.

Os padrões “alteraram-se imenso nos últimos tempos”. As clássicas deslocções e movimentos casa-trabalho casa-escola juntaram-se outras que integram as compras, o lazer, as tarefas domésticas e pessoais. E, como refere Paula Teles, “se os estilos de vida mudaram, estes mudaram o pulsar da

cidade, que, neste caso, se tornou mais acelerado, mais dinâmico e com uma capacidade enorme de intermodalidades”.

S. ROQUE DA LAMEIRA Menos pessoas e trânsito desviado

Abílio Gomes começou a ser taxista há 40 anos, numa altura em que “o táxi era utilizado por toda a gente”. A Rua de S. Roque da Lameira, na zona oriental do Porto, fervilhava de pessoas. Era das artérias mais populosas da cidade e ali se encontram grande parte da indústria e o mercado abastecedor que atrai gente de outras paragens.

“A oferta de transportes públicos não era como hoje. Havia menos e os autocarros passavam aqui já cheios. As pessoas levantavam o braço e os táxis circulavam constantemente”, recorda o taxista. As fábricas fecharam, rasgou-se a Via de Cintura Interna (VCI), depois a Avenida 25 de Abril e o trânsito

1. Foz Velha tem população envelhecida e o imobiliário caro afasta novos moradores 2. Longe vão os tempos em que a Rua de S. Roque da Lameira, na zona oriental do Porto, estava cheia de residentes e trabalhadores da indústria 3. As classes desfavorecidas sempre foram as que usaram mais o táxi 4. Abílio Gomes é taxista há 40 anos



“Os clientes são outros e o serviço tem de se adaptar à mudança, investindo-se em mais conforto e numa maior qualidade”

Agostinho Seixas Pres. Direção da Raditáxis

passou a ser desviado. “Esta rua era a principal entrada de quem vinha de Gondomar, Valongo Penafiel e de Trás-os-Montes. Tinha dois sentidos e eram milhares de pessoas por aqui. A rua era uma alegria”, conta Rosa Ferraz, que tem no local uma mercearia.

Ali o tema é discutido. Alexandre Gonçalves fala dos que morreram e dos que foram morar para outras bandas. Albertina Carvalho tem outro raciocínio: “Mudam-se os tempos e as coisas mudam também. O progresso traz muitas vantagens, mas também desvantagens”.

Ao volante do carro 430 da Raditáxis, Abílio Gomes fala que foi a partir da década de 90 que tudo se alterou: “Os bancos começaram a conceder empréstimos e as pessoas foram comprar casa noutras locais e passaram a ter carro”.

O negócio ainda andou bem nas zonas onde se encontram os bairros sociais devido ao rendimento social de inserção. “Quando recebiam a carta com o RSI, a primeira coisa que faziam era chamar um táxi para o ir levantar aos correios”, diz Abílio. Depois, “com a troika vieram os cortes”.

Artérias de muito serviço, além de S. Roque, como a Formosa, Bonfim e zonas como a Areosa ou Aldoar também deixaram de ser as mais procuradas pelos taxistas.

FOZ VELHA Habitação cara afasta os jovens

Com 60 anos, Abílio tem a mesma percepção da falta de clientes quando circula pela

Foz. Pela Praça do Império, em direção à margem do rio Douro, Abílio relembra os muitos clientes que ali tinha. “Gente com posses, que sempre teve carro, mas que utilizava muito o serviço de táxi para ir às compras, para se deslocar ao aeroporto, à estação de comboios ou uma consulta médica”, exemplifica.

Com um estabelecimento de mercearia na Rua de Montebelo, Artur Carvalho concorda com o taxista. “Só na Rua do Padre Luís Cabral havia quatro padarias e mercearias havia três. Hoje não existe nada porque há pouca gente. As pessoas foram morrendo, outros saíram e as casas estão abandonadas. Os casais jovens não podem comprar aqui casa porque é tudo muito caro. Por uma ruína pedem 380 mil euros”, diz o comerciante.

BAIXA Turismo veio trazer novo fôlego

“É no centro que agora temos mais serviços porque há mais hotéis e muitos turistas. Os portuenses usam mais o metro. É uma nova realidade e temos de nos adaptar”, reconhece Abílio Gomes.

“No futuro próximo, a mobilidade vai mudar totalmente. A urgência de investirmos nas metas da descarbonização e a necessidade de humanização das cidades vão exigir novos transportes”, considera Paula Teles. De acordo com a especialista e professora universitária, a aposta passará pela partilha e por “transportes mais amigos do planeta e mais inclusivos”.

Alexandre Gonçalves
Residente em S. Roque

“Com o Dragão e a autoestrada, isto aqui ficou vazio. Agora, ainda por cima, vão retirar a circulação dos autocarros que seguem para a Baixa”

Fernando Martins
Morador na Foz Velha

“Isto está muito deserto de moradores e os que ainda residem aqui todos têm carro. Ou usam o transporte individual ou chamam um Uber”

Delfina Almeida
Comerciante em S. Roque

“Os meus livros antigos da mercearia estavam cheios de pessoas que pediam fiado. Choviam clientes. Hoje mora aqui menos gente”